



## NARRATIVAS: VERSOS, A(N)VERSOS E SUAS AFETAÇÕES EM/NA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Diego de Matos Gondim<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho tem por objetivo discutir possibilidades das narrativas sob a perspectiva de dois autores-pesquisadores, a saber: Suely Rolnik e Jerome Bruner. A tentativa, aqui, é amarrar alguns fios e desamarrar outros que possibilitem a compreensão do que pode a narrativa na pesquisa em Educação Matemática. Em outras palavras, pretende-se atravessar o modo como estes dois autores concebem as narrativas e o que podem estes modos fazer pensar na Educação Matemática. Ou seja, que possibilidades, junto a estes referenciais teóricos, possuem as narrativas? O que elas fazem pensar em se tratando da Educação Matemática? Que desdobramentos elas têm na formação de professores de Matemática? Cabe ressaltar que, sendo este um ensaio teórico, não há a vaidade de estar respondendo aos questionamentos levantados, mas de, apenas, estar abrindo possibilidades de atravessá-los no texto, para a discussão do tema e de sua relevância para a escrita em/na Educação Matemática.

### Palavras-chave:

Política de narratividade. Desejos. Imaginário. Escrita. Educação Matemática.

### Introdução

[...] meio [...]

É que o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade. *Entre* as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio. (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 49).

Meio. Riacho sem início. Sem fim. *Entre* duas margens. Margens ruídas. Meio que, como realça Deleuze e Guattari (2014, p. 49), “[...] não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente [...]”, mas de *movimento*. Meio que movimenta. Meio que é movimento. Um movimento movendo. Um movimento parado. Meio. Sem início. Sem fim. Assim o é este trabalho. Sem início, sem fim. Um meio. Um movimento movente, que move, que gira, que muda, que acontece. Um movimento reflexivo sob(re) narrativas. Sobre narrativas, isto é, uma conversa a respeito de narrativas. Sob narrativas, ou seja, uma conversa que se abriga em algumas posições teóricas de narrativas. Apenas uma conversa – que, de agora em diante, chamarei de *trama* – que compõe versos, aversos e anversos.

<sup>1</sup>Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, campus de Rio Claro (UNESP/RC). Endereço eletrônico: [gondiminit@hotmail.com](mailto:gondiminit@hotmail.com).



## Tramando no meio

Uma trama no movimento. Uma trama no meio. De fios. É como o trabalho do tecelão. Entrelaçando fios. Fios transversais, fios horizontais. Fios que dobram e compõem colchas. Desdobram. Tecido sem começo, sem fim.

O tecelão, com suas agulhas (navetes), fibras fiadas e seu tear, produz a sua arte. Uma arte composta por fios. Fios contínuos, conhecidos como tramas e urdiduras. Fibras fiadas azuis, brancas, pretas, amarelas,..., fibras coloridas. Diversas. Grossas. Finas. No entrelaçamento, não se faz juízo de qual é mais bonita, mais grossa. O tecelão quer compor sua colcha. Sua arte. Por isso chamo esse trabalho de trama. Não irei compor colcha, apenas entrelaçarei alguns fios. Horizontais. Verticais. Vermelhos. Azuis. Coloridos. Versos e a(n)versos. Fios. Tramas e urdiduras sendo entrelaçadas, dobradas, desdobradas. Uma reflexão sob (re) narrativas.

## Versos e a(n)versos

Versos?! Verso é aquilo que faz o poeta? Linhas que compõe um poema? Palavras ritmadas? Metrificadas? É isso que estou a compor? Um poema? Um conjunto de palavras ritmadas? Não sei dizer. Mas com meus navetes, amarro tramas. Puxo fios. Entrelaço urdiduras. Faço nós. No entanto, além de um conjunto ritmado de palavras que compõe um poema, *versos* podem ser o reverso, as costas. Costas de uma folha. De um pensamento. O que se vê quando a folha é virada. Rotacionada.

Sendo assim, temos [linhas de um poema; que não precisa sempre ser ritmado; um verso solto, livre, errado, branco; versos], mas, também [linhas das costas de uma opinião, isto é, algumas perspectivas da narrativa como procedimento metodológico]. São versos, aversos e anversos. Anverso = parte da frente, face. Frente, costas. Anversos com versos. Versos no verso. Fios, linhas e palavras sem início, sem fim. Uma reflexão dos versos, aversos e anversos da narrativa. Seus aversos, divergências, posições, oposições. Não comporei uma colcha. Poucas linhas eu possuo. Mais alguns fios eu amarro. Outros serão amarrados. Serão puxados. Não tem início. Não tem fim. Assim componho esse trabalho. *Sob(re) narrativas: versos e a(n)versos*. Versos e a(n)versos das narrativas como procedimento metodológico. Versos, aversos e anversos de Rolnik (1998, 2014), Kastrup et al. (2010) e Bruner (2014).

## No meio, uma trama que se amarra, desamarra

Com meus navetes, puxo fios. Fibras fiadas. Coloridas. Linhas de versos. Linhas de verso, aversos e anversos. Num verso, Rolnik (2014) compõe narrativas de acontecimentos de uma época. Faz versos de noivinhas<sup>2</sup>. Faz cartografia. Assim é chamada a metodologia assumida por Suely Rolnik, isto é:

[...] um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem [...]. [A cartografia] acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos [...]. (ROLNIK, 2014, p. 23, acréscimo meu).

<sup>2</sup>É desse modo que Suely Rolnik chama as(os) sujeitas(os) de seu livro "Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo". Essas "noivinhas" enredam acontecimentos do século XX, perpassando movimentos feministas bem como movimentos de subjetivação que resistiam à sociedade disciplinar até a transição do regime político no final do século XX.



Sendo assim, o cartógrafo lança mão de uma atenção sensível aos acontecimentos. A uma partilha sensível dos desmanchamentos de mundos e criação de outros. Ele nega o ponto e assume a linha. Ele nega as formas e assume as forças. Ou seja, ele procura, nas palavras de Rolnik (2014), criar pontes de linguagem para que os afetos passem. Aqui, o plano das formas perde força e o plano das forças ganha força. Desse modo, a narrativa se apresenta como uma possibilidade de compor junto a esses desmanchamentos de mundos e criação de outros. Não como um dispositivo de representação para como potência de produção. Ou seja, na cartografia a narrativa é entendida, segundo Kastrup (2010), como uma posição assumida pelo cartógrafo para expressar o que se passa e o que acontece no campo de pesquisa, ou melhor, como possibilidade de compor sensações que estão presentes em nosso corpo. Em outras palavras, a narrativa é assumida em virtude do desejo de dar “língua para os afetos que pedem passagem”. Isso é um pouco do que deseja o cartógrafo, conforme destaca Rolnik (2014). Deseja contar. Narrar o que acontece. As transformações. O desmanchamento de mundos. A criação de outros. Uma expressão de afetos. Uma expressão do mergulho no plano de imanência. Dos acontecimentos.

Segundo Rolnik (1998), atentar por essas formas de expressão, isto é, de subjetivação, requer sintonizar todo seu corpo com o plano de consistência<sup>3</sup>, ou seja, ao cartografar – contornar junto aos acontecimentos – é preciso desenvolver um corpo. Um corpo vibrátil. Desse modo, desenvolver um olho vibrátil, um ouvido vibrátil, ... um corpo vibrátil. Vibrátil? Sim. Que vibra. Vibra junto às vibrações dos acontecimentos. Que sente. Experimenta. Bebe. Mergulha. Um corpo que vibra. A narrativa – na cartografia – é, então, uma posição assumida pelo cartógrafo que busca dar língua, expressar, falar dessas vibrações que, na constituição do *Corpo Sem Órgãos* (CsO) ou *plano de consistência*, faz vibrar os ouvidos, os olhos, o corpo. Com isso, fundamentada em Oswald de Andrade, Suely Rolnik compara a ação do cartógrafo com uma ação antropofágica, isto é, um meio de “[...] engolir o outro, sobretudo o outro admirado [...]” (ROLNIK, 1998, p. 02). Narrar o que engoliu do outro. Do outro admirado. O outro engolido. Compor narrativas do engolido, do admirado. Compor narrativas para produzir desejos. Operar junto aos desejos. Intensidades que compõem o CsO. Que vibra o corpo vibrátil. A narrativa como produção de intensidades, de experimentações. O engolido experimentado.

Cabe ressaltar que, Rolnik e Kastrup et al. (2010) não consideram a narrativa como uma imagem feita dos dados experienciados. Quer dizer, não é uma representação do acontecido ou uma significação do experimentado, mas uma apresentação de um “pedaço da imanência”. Uma produção cartográfica. Um “operar” *junto a*. Um encontro de corpos (ou desencontro deles). Ou seja, não é eu narrando sobre ele, mas eu narrando sobre nós. Um encontro do corpo vibrátil do pesquisador com os corpos que se constituem no plano de consistência. Com a constituição do plano de imanência. Por isso, cartografar é fazer junto, compor junto, desenhar, acompanhar os movimentos de transformações e criações dos mundos que se (des)fazem. É, sobretudo, segundo Kastrup et al. (2010), acompanhar processos. Processos de subjetivação.

<sup>3</sup>O plano de consistência, para Deleuze e Guattari (2014), é o lugar onde se constitui o CsO. Ele é o próprio CsO. Cabe ressaltar que o Corpo sem órgãos (CsO) é um “lugar”, um “plano” e um “coletivo” que agencia intensidades, desejos, animais, plantas, um lugar de acontecimentos, um plano de imanência, um coletivo de agenciamentos.



Com meus navetes amarro nós, puxo fios, tramas e urdiduras. Nesse processo, uma dúvida pode aparecer. Por que ao falar de narrativas junto aos livros de Kastrup et al. (2010) e Rolnik (2014) preciso falar da cartografia? Seria a narrativa o mesmo que cartografar? Para esta última, não. Cartografar é, além de compor narrativas, experimentar, acompanhar os processos de criação e invenção, o constituir dos corpos. É uma sensibilidade de perceber o desmanchamento e a invenção de mundos (ROLNIK, 2014). No entanto, o cartógrafo quer – além de mergulhar ou estar imerso nestes afetos – “[...] inventar pontes para fazer sua travessia: *pontes de linguagem*.” (ROLNIK, 2014, p. 66, grifo meu). É nesse “querer inventar pontes de linguagem” que a narrativa entra como posição assumida pelo cartógrafo. Uma posição que procura criar pontes de travessia, isto é, uma ponte onde os afetos terão “língua”. Afetos que afetam, me afeta, te afeta, nos afetam.

Narrar para contar das marcas que os afetos produziram em nosso corpo. Marcas de uma experiência, como disse Larrosa (2002). Uma experiência do tipo: experimentada. Do tipo: sentida. Do tipo: mergulhada. Do tipo: engolida. Mas, também, que te engole, te afoga, te experimenta. Corpos que se (re) encontram, (re)criam, (re)constroem.

De outro modo, Bruner (2014, p. 76) – ao falar da constituição do eu – assegura que “[...] o eu também é um outro.” Criar narrativas de “mim” é contar do outro. Do outro engolido. Do outro que me engoliu. Bruner (2014) ainda acrescenta que a narrativa do eu, do seu e do nosso é: agenciadora, repleta de desejos, intenções, aspirações, sensível “às companhias”, isto é, aos outros corpos que, também, se (re) criam e, além disso, é capaz de abandonar, perder a continuidade, a linearidade. Com isso, “construir-se através do narrar-se é um processo incessante e eterno, talvez mais do que nunca. É um processo dialético, é um número de *equilibrista*” (BRUNER, 2014, p. 95, grifo meu). Narrar é, então, constituir o eu, o outro, o nós. Uma arte. Uma vida junto à arte.

Narrar acontecimentos e/ou experiências, para Bruner (2014), é fabricar histórias. Criar histórias. Assim o fez Rolnik (2014) ao narrar os movimentos feministas das décadas de 60, 80 e o início da década de 90. Como destaca a autora, seu trabalho era uma busca por mapear, cartografar, mergulhar e imergir na *memória* das “sensações” vividas nos momentos históricos destes períodos. Narrar esses acontecimentos, para Bruner (2014), amalgama memória e imaginação, pois para o autor “memória e imaginação são fornecedoras e consumidoras uma da outra” (BRUNER, 2014, p. 103) e assim criamos mundos em quem ficção e realidade se confunde e se unem.

No entanto, cabe ressaltar que, ao passo que Bruner (2014) infere essa ideia, Rolnik (2014) ressalta que seu trabalho visava àquela imersão na memória das sensações e não representações do imaginário. Imaginário este que – para a autora – estabeleciam representações da história. Uma história fictícia, uma história que, de certo, poderia desviar da realidade. Ao fazer uma prospecção cartográfica, Sueli Rolnik pretendia desviar deste imaginário para produzir uma narrativa desse momento histórico. Um produzir junto às sensações, com elas, como parte delas. Não era, portanto, uma tentativa de reconstruir uma história do que “poderia ter sido” ou do que “poderia ser”, pois assim o é a fabricação de histórias em



Bruner (2014). Memória e imaginação amalgamando-se. Um constante equilíbrio entre o imaginário e o real.

Com isso, entendemos com Rolnik (2014) que narrativas podem dar língua aos desejos, ao desmanchamento de mundos e criação de outros. Que cartografar é criar pontes de linguagem. Narrar pode contar a realidade, o acontecido, a afetação dos afetos, a criação de nós, de “mim”. O operar junto/ com os afetos, os desejos. Produzindo histórias juntos: afetando, se afetando, engolindo, se engolindo. Narrar o que captura a sensibilidade do olho vibrátil, do corpo vibrátil, ..., do corpo vibrátil. Mas aprendemos com Bruner (2014) que narrar pode ser, também, uma fábrica de histórias que estão constantemente equilibrando-se entre memória e imaginação. Uma arte que – mesmo ligada ao imaginário – não se desprende do familiar. Do real. Do vivido. Uma criação do eu que se preocupa com o outro. Que se prende ao outro. Que se confunde com outro. Mas que quando narrado amalgama memória e imaginação.

### **Narrativas ..., e ..., Educação Matemática**

Levando em consideração as possibilidades da narrativa em Rolnik (2014) e Bruner (2014), abro o questionamento: o que pode a narrativa na Educação Matemática? Uma questão de abertura e não de fechamento desta discursão. Uma abertura para outras tramas.

Como funciona a narrativa, como pontes de linguagem, na Educação Matemática? Narrando sensações, afetos, desejos, intensidades, pedaços do plano de imanência, acontecimentos. Ou, também, amalgamando imaginário e real. Como uma peça de equilibrista. É que:

Muitas vezes, essas investigações têm sustentado a ideia de que é possível, por meio de uma leitura cuidadosa dessas narrativas, a determinação de quem é o professor de Matemática, de como atua esse professor, da Matemática por ele ensinada, das práticas pedagógicas que adota nessa ou naquela condição de trabalho. (FERNANDES, 2014, p. 905)

O que percebo, junto ao levantamento teórico dos autores que citei, são as narrativas como possibilidades de fabricar histórias de professores de matemática. De suas práticas pedagógicas. De como se constitui(u) professor de matemática. Como possibilidades de amalgamar imaginário e real. Mas, também, percebo as narrativas como possibilidades de criar, na língua de Blanchot, o *outro de todos os mundos*. (LELY, 2011). De fundar mundos na Educação Matemática. De ser afetado e de afetar. De estar junto à produção de mundos sem início, nem fim. Pois o imaginário é isso “[...] não é uma estranha região situada além do mundo, é próprio mundo, mas o mundo como um conjunto, como um todo” (LEVY, 2011, p. 29).

Cabe ressaltar que, apesar dos fios aqui amarrados, outros ficaram sem serem amarrados. O que quero dizer com isso? Que, apesar de Bruner (2014) tratar o imaginário amalgamado com o real sendo uma possibilidade na narrativa de fabricar histórias, Rolnik (2014) não pretende, com a produção de seu



trabalho, produzir significações através das narrativas, mas uma produção de acontecimentos. Em sua língua seria, então, pontes de linguagens para atravessar afetos, desejos, intensidades e ... Ou seja, trazendo para a discussão em voga, as possibilidades das narrativas, aqui, não são de representar, identificar ou significar coisas ou acontecimentos na formação de professores, mas de compor narrativas de vidas junto às sensações produzidas no plano de imanência. De acompanhar processos de subjetivação nos quais o professor, *sendo* professor, singulariza sua prática. Quer dizer, as narrativas se apresentam como uma ponte de linguagem em que processos de singularização são acompanhados. Aqui, as narrativas falam de uma experiência que nos passam, ou seja,

as narrativas de vida sob essa perspectiva significa tomá-las junto àquilo que trazem de estranho, de marginal, de não regular; compreendê-las como não redutíveis a identidades ou, quando reduzidas, assumidas como identidades efêmeras, de personagens provisórios. (FERNANDES, 2014, p. 30)

Junto à Rolnik (2014), entendo as narrativas como possibilidades de experimentar, mergulhar, afogar, ou seja, ser engolido e engolir o outro de todos os mundos. Isto é, estar junto à constituição do *sendo* professor de matemática, do *acontecendo* na sala de aula, do *fazendo* matemática, do *praticando* matemática. E não de um *eu* ouvinte significando um *eu* depoente, pois – em Rolnik (2014) – não percebo um *eu*, mas um *ele* se constituindo junto aos acontecimentos. Aos movimentos que atravessam as pontes de linguagem. Nas palavras de Kastrup et al. (2010), o que estou a dizer é de uma escrita narrativa que se revela como *posição política* do pesquisador e, aqui neste trabalho, do pesquisador em Educação Matemática, ou seja,

Não uma escrita presa a uma imagem-memória do vivido em sala de aula de formação de professores que ensinam matemática, que pretende reproduzir o passado, o vivido em sua pureza, mas uma escrita que se faz junto a uma imagem-fábula, que é uma imagem constituída por uma dobra da ficção. (CLARETO; ROTONDO, 2014, p. 986)

Desse modo, alguns questionamentos tomam força neste trabalho, quais sejam: como funciona o outro de todos os mundos na Educação Matemática? O que pode uma escrita que amalgama imaginário e real? O que pode esta mesma escrita para além das representações, das significações? O que pode o educador matemático em uma posição política de narratividade? Produzir afetos? Desejos? Pontes de linguagens? Fabricar histórias? Abrir-se para o outro de todos os mundos e operar junto a ele? Produzir uma escrita sendo professor de matemática? Fazendo Matemática? Vivendo, na imanência, do acontecendo matemática?

Em se tratando do plano das forças e não no plano das formas, aquele que identifica o professor, o fazer matemática, mas o dos afetos, o das forças que atravessam e nos passam, questiono: que mundos se pode inaugurar junto à narrativas de vidas na Educação Matemática? Que modos de resistência, de afirmação de vida, acontecem no sendo professor de matemática, no praticando matemática na sala de aula? Que pode as narrativas compor?



## Fios – versos e a(n)versos –, um meio, sem início, sem fim

Assim o são alguns fios de Rolnik (2014) e Bruner (2014) e outros. Coloridos. Vermelhos, azuis, brancos. Alguns fios que com meus navetes puxei. Mas fios são assim. Sem início, sem fim. Como no trabalho do tecelão, (des)amarrei fios. Tramas e urdiduras. Versos, anversos e aversos sob(re) narrativas. Um verso ritmado? Sem ritmo? Continuo sem saber dizer. São apenas frente. Costas. Versos e a(n)versos sob (re) narrativas em Rolnik (2014) e Bruner (2014). Mas cabe-me voltar a dizer que poucas me são as linhas, então fios ficaram sem serem amarrados e, claro, fios sempre ficarão sem serem amarrados. É apenas um meio. Sem início, nem fim. Com seus navetes mais fios poderão ser puxados. Fios sempre existirão...

## Quem comigo fez versos, amarrou nós?

### Referências

BRUNER, Jerome. **Fabricando histórias**: Direito, literatura, vida. Tradução Fernando Cássio. São Paulo: Letra e Voz, 2014.

CLARETO, Sônia Maria; ROTONDO, Margareth A. Sacramento. Como seria um mundo sem Matemática? Hein?! Na tensão narrativa-verdade. **Bolema**, Rio Claro, v. 28, n. 49, p. 974-989, ago.2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia. v. 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia. v. 3. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2014.

FERNANDES, Felipe Santos. Biografia do Orvalho: considerações sobre narrativa, vida e pesquisa em Educação Matemática. **Bolema**, Rio Claro, v. 28, n. 49, p. 896-909, ago. 2014.

FERNANDES, Felipe Santos. **A quinta história**: composições da educação matemática como área de pesquisa. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências

Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2014.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan/fev/mar/abr. 2002.

LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do fora**: Blanchot, Foucault e Deleuze. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lilian da. (Orgs). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2 ed., Porto Alegre: Sulina, 2014.

ROLNIK, Suely. **Esquizoanálise e Antropofagia**. França, 1998. Disponível em < <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/suely%20rolnik.htm>>. Acesso em: 26 mai. 2015.